

#cm
2
QUINTA-FEIRA

Barretão *do Brasil*

Luis Carlos Barreto, diretor e produtor emblemático do cinema brasileiro, **morreu na madrugada desta quarta-feira (22), aos 98 anos.**

Indicado duas vezes ao Oscar, consagrado pelo público e pelos grandes festivais mundo afora, o genial realizador fez de sua obra um divisor de águas no audiovisual brasileiro.
Páginas 2 e 3



O maior produtor da História do cinema brasileiro deixa um legado histórico de sucessos – com duas indicações ao Oscar – marcados pela celebração da diversidade nacional

Morre Luiz Carlos Barreto, aos 98 anos

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

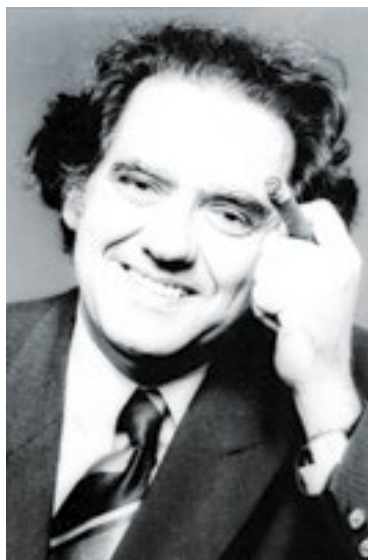
Durante as filmagens de “Lula, O Filho do Brasil” em Pernambuco, em janeiro de 2009, Luiz Carlos Barreto chegou de mansinho perto de uma área onde a imprensa tirava fotos e registrava cenas de bastidor de um set com Gloria Pires, puxou os repórteres para o canto, portando picolés de cajá na mão e disse: “Vocês nunca serão brasileiros de verdade sem provar disso aqui”. Mais tarde, ao fim da diária, quando um forró começou a se fazer ouvir na base da equipe, animando um arrasta-pé, ele, cearense, tirou uma assistente de direção para dançar, delicadamente, e ensinou a todos o requebrar à moda do Ceará. Nesta quarta-feira, o centauro (empresário, de um lado; artista, do outro) a quem o Brasil se referia no aumentativo, ou seja, Barretão, levou seu modo único de forrozar, seu apreço por frutas nordestinas e, sobretudo, sua paixão desvairada pelo cinema para o Infinito. Morreu aos na madrugada, aos 98 anos.

A informação foi confirmada por familiares. Vinha com a saúde debilitada desde março de 2024, quando sofreu uma queda visitando seu estado natal, para uma homenagem. Estava internado desde a última terça-feira. Deixa a companhia de quase sete décadas, a também produtora Lucy Barreto, a filha, Paula, e o filho mais velho, Bruno. Mais do que isso, deixa glórias cinéfilas e, além delas, saudade.

Para além de sua relevância como artífice de produções, estudando meticulosamente o comportamento de nossas plateias, Barreto marcou época como aríete da democracia na liderança de batalhas



Luiz Carlos e Lucy Barreto: união afetiva e profissional de 70 anos



O charuto e o sorriso largo: duas marcas da personalidade cativante de Barretão

contra a hegemonia de Hollywood. É considerado o maior baluarte da política cultural deste país.

A partir de 1950, passa a trabalhar como repórter nos Diários Associados, primeiro na revista “A Cigarra”, e logo em seguida, na revista “O Cruzeiro”. Em pouco tempo, o fotojornalismo virou seu norte profissional, tornando-se um dos baluartes desse ofício do Brasil. Foi correspondente em Paris, onde se formou em Letras pela prestigiada Universidade Sorbonne. Num trabalho para o periódico de Assis Chateaubriand (1892-1968), descobriu a linguagem cinematográfica, registrando as filmagens de “Barravento”, de Glauber Rocha (1939-1981), no início da década



O repórter fotográfico Luiz Carlos Barreto levou seu olhar para a tela grande a partir do Cinema Novo

de 1960. Ali o canto da sereia do cinema autoral brasileiro físgou-o.

Usou os dotes e as manhas do jornalismo para levar reflexões sobre o real para o projeto “Assalto Ao Trem Pagador” (1962), de Roberto Farias (1932-2018), como coautor do roteiro e coprodutor. Na sequência, empregou suas manhas com obturadores para fez a fotografia de “Vidas Secas” (1963), de Nelson Pereira dos Santos (1928-2018). Revolucionou o estilo fotográfico dos filmes nacionais, sendo aclamado no Festival de Cannes, onde a produção foi concorrer à Palma de Ouro gerando uma polêmica mundial. A controvérsia: teria a produção assassinado de verdade a cachorrinha que interpreta a Baleia na trama, dado o

QUATRO MOMENTOS DE OURO DA LC BARRETO E DO CINEMA NACIONAL



DEPOIMENTOS

“Barretão é do tamanho do moderno cinema brasileiro”
“Barretão, grande imenso. Maior que o mar.”
WALTER CARVALHO, diretor de fotografia e cineasta

“Luiz Carlos Barreto foi um gigante do cinema nacional”
RENATO ARAGÃO, comediante e produtor

“O Luiz Carlos Barreto não foi apenas um líder e um defensor do cinema brasileiro. Foi um defensor do Brasil. Toda a luta do Luiz Carlos pela afirmação do audiovisual brasileiro, que enfrenta monopólios de corporações poderosíssimas, não era apenas por causa do audiovisual. O audiovisual é soberania, sim. Mas o que ele fazia é uma luta por um país mais justo. Um país sem papas na língua. O Barreto era destemido, ligado ao povo brasileiro.”
MARIZA LEÃO, produtora

“Foi minha referência de cinema brasileiro. Fundamental para que eu decidisse querer trabalhar no audiovisual. Além da vasta filmografia produzida pela sua produtora, foi com ele que eu trabalhei em meu primeiro filme profissional, como estagiário, em ‘O Que É Isso, Companheiro’. Serei eternamente grato

pela LC Barreto por ter me dado essa oportunidade de braços abertos. Vá em paz.”
HSU CHIEN HSIN, cineasta

“Sem contar seus préstimos inestimáveis ao cinema nacional, do qual foi um totem, Luiz Carlos Barreto teve um trabalho aguerrido na imprensa, sobretudo como fotojornalismo, reconhecido mundialmente pela originalidade de seus enquadramentos. A revista ‘Cruzeiro’ serviu como galeria imprensa para seu olhar sobre a realidade.”
OCTAVIO COSTA, presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI)

“Barretão foi a figura mais importante na liderança de um grupo de artistas que inventou o que a gente chama de cinema brasileira. Essa invenção foi tanto conceitual quanto política. Ele manteve o cinema na pauta da cultura brasileira. Ele era um executivo, um produtor, um homem político, mas, antes de tudo, um homem muito criativo, com alma de artista, extremamente carismático. Era impossível não se encantar com ele.”
ADRIANA RATTES, diretora do Grupo Estação

“Sua partida deixa um vazio imenso para o cinema brasileiro. Um dos maiores produtores da nossa história, ao longo de

mais de seis décadas ajudou a transformar o audiovisual em patrimônio cultural, abrindo caminhos para realizadores, produtores e novas gerações. Seu legado permanecerá vivo nas telas e nos inspira a seguir defendendo o cinema brasileiro com a mesma coragem, compromisso e paixão que marcaram sua trajetória.”
RAQUEL HALLAK, coordenadora da Mostra de Cinema de Tiradentes, CineOP e CineBH

“Há antes dos Barretos e depois.”
SONIA BRAGA, atriz

“Em 2001, com apenas 21 anos, um passaralho na redação do JB fez de um o repórter titular de cinema do Caderno B, levando-me, como missão nº 1 nesse posto, a um encontro com Luiz Carlos Barreto, no Copacabana Palace, para falar da restauração da cópia de ‘Dona Flor e Seus Dois Maridos’, que então comemorava 25 anos. Ele chegou com o vozeirão tonitruante, olhou a minha camiseta com uma estampa de ‘Ran’, de Akira Kurosawa, e falou: “Esse moleque é do cinema”. Foi o meu batismo. Hoje, na curadoria da mostra em homenagem à LC na Casa Firjan, tento fazer jus a esse padrinho. Padrinho é o pai que te quer tanto que te adota. Da mesma forma como Barretão adotou o ofício do cinema como seu mundo.”
RODRIGO FONSECA, crítico

realismo da sequência de sua morte? Não por acaso, a estrela canina teve de ir à Croisette, com Barretão de cicerone. Ali nasceu “O” produtor, o maior que o Brasil já teve, sempre com Lucy a seu lado.

A LC Barreto celebrou seis décadas de História com direito a homenagem na mesma Croisette que aclamou Baleia. No cinema mundial, quando se pensa historicamente em representações do Brasil,

pensa-se na LC. Não à toa, uma de nossas maiores estrelas de projeção global, Sonia Braga, afirmou: “há antes dos Barretos e depois”. Com eles, a atriz fez seu maior sucesso, “Dona Flor e Seus Dois Maridos”,

que, há 50 anos, passou da marca de dez milhões de tíquetes vendidos em sala de projeção. Família e imagens em movimento são, na medida da estética... e da ética, uma coisa só para o clã de artistas formado por

Lucy e Luiz Carlos Barreto e transformado em produtora há 64 anos, com a estreia de “Garrincha, Alegria do Povo”, dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, em 1962.

Dali para adiante, os Barretos colecionaram prêmios às toneladas, com duas indicações ao Oscar (por “O Quatrilho”, em 1996, e por “O Que É Isso, Companheiro?”, em 1998), além de nomeações à Palma de Ouro de Cannes e ao Urso de Ouro da Berlinale. A Quinzaine des Cinéastes, na Croisette, sempre serviu de lar a seus filmes. O interesse (leia-se “respeito”) das plateias estrangeiras pela empresa se justifica, em parte, pelo fato de cada filme deles operar como se fosse uma expedição (afetiva, simbólica, mas, sobretudo, geográfica) a diferentes territórios deste nosso país. Foi com a LC que a expressão “Brasis” ganhou o colorido que o plural exige. Barretão deu essa tintura à nossa noção de país.

Filmaram no Sul... filmaram na Amazônia... filmaram em rincões nordestino onde pedra e poeira não esmoreciam a coragem sertaneja... filmaram Rios que os cartões-postais da Cidade Maravilhosa desconheciam... retrataram uma São Paulo para além da “deselegância discreta de suas esquinas”. Na LC Barretão fez cartografia... de humanidades... em forma de cinema. Virou lenda. Sua neta, Julia, agora prepara um documentário sobre seu legado, previsto para 2027. O rol de longas deles por vir inclui “Deus Ainda É Brasileiro”, canto de cisne de Cacá Diegues (1940-2025), ainda em finalização.



'Nuestra Tierra', um retrato necessário sobre crises fundiárias



'Helena! Cinema' celebra a força e o legado da atriz e diretora



'Los Rubios' reafirma a potência da não ficção no menu do FID

Sempre é tempo de cair na real

FID:Rio une música, debate e, sobretudo, documentários numa celebração de vozes autorais que passa por Godard, cruza expressões nacionais e traz a saltense Lucrecia Martel à cidade



Nascida há 59 anos na província de Salta, a diretora dará masterclass no Rio

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Passados quase onze anos das filmagens do anti-épico “Zama” (2017), numa ponte cultural Argentina x Brasil, qualquer evento que se proponha trazer a cineasta Lucrecia Martel ao Brasil - sobretudo uma Lucrecia ligada às narrativas documentais - merece ser recebido com o tapete vermelho da cinefilia carioca. É esse o caso FID - Festival Internacional de Artes e Cinema de Não Ficção do Rio de Janeiro.

Sua estrutura, de cara, impressiona às pampas: sua grade, aberta de 24 de julho a 2 de agosto, ocupará sete espaços culturais da cidade com uma programação de 56 produções ibero-americanas, além de espetáculos, shows, ins-

talações, atividades formativas... e a realizadora de “La Ciénaga - O Pântano” (2001).

Ela é esperada no dia 28 de julho, às 20h30, no Estação Claro Rio. Vem exibir “Nuestra Tierra”, ensaio sobre crises fundiárias que estreou no Festival de Veneza de 2025. Na sequência, bate um papo com a plateia sob a medição do curador e crítico Eduardo Valente. Além da sessão, ela ministra uma masterclass gratuita no Teatro Sesc Ginástico, no dia 29.

Embora seus maiores sucessos, em longas (“La Mujer Sin Cabeza”) e curtas (“A Camareira”), depositem-se no hemisfério da ficção, a cineasta mais famosa da província de Salta - onde nasceu há 59 anos, numa Argentina que iria sofrer muito com a ditadura - tem um histórico de peso com o documentário. É o caso do curta “Terminal Norte”, lançada na Berlinale e em cartaz na plataforma

MUBI. Originalmente chamado de “Chocobar”, “Nuestra Tierra” é um ensaio que se baliza mais pelo registro documental do que pela fabulação. Fala de um líder indígena, Javier Chocobar, que foi vítima das disputas fundiárias em seu país. Em sua gênese, na pandemia, a produção teve um apoio de um edital do Festival de Locarno, na Suíça, de 2020.

Ele segue o cogito estético sonoro padrão da realizadora, que se mantém ativa com pequenos (grandes) exercícios experimentais como “Cornucopia”, rodado a dois com a diretora Isold Ugga-dottir, a partir de um show da islandesa Björk.

Criado a partir do encontro entre o FID - Festival Internacional de Cinema Documental de Buenos Aires e a cena audiovisual carioca, a maratona que começa nesta sexta no Rio espalha suas atividades pela Cinemateca do

MAM, Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), Estação Claro Rio, Arte Sesc, Banca do André, Teatro Sesc Ginástico e Sesc Copacabana.

A Mostra de Filmes está organizada em seis recortes temáticos, quatro deles competitivos, reunindo longas e curtas que exploram novas formas de narrar a realidade.

Na competição internacional, a Sessão Hemisfério reúne 11 longas inéditos no Brasil, entre eles “Plata o mierda”, de Toia Bonino e Marcos Joubert, sobre a vida numa penitenciária argentina, e “Cuerpo criminal”, de Martín Boulocq, que discute colonialismo e relações de poder a partir dos bastidores de uma filmagem na Bolívia.

A produção brasileira ocupa posição central na Sessão Trópico Longas. Entre os destaques está “Anistia 79”, de Anita Leandro,

vencedor da Mostra de Tiradentes, que recupera imagens inéditas da campanha internacional dos exilados políticos brasileiros. Chama atenção também “Na Passagem do Trópico”, de Francisco Miguez, reflexão sobre ocupação urbana e conflitos fundiários. Nos curtas, aparecem títulos como “Entrevista com Fantasmas”, de Lincoln Pérciles; “Memória Movimento”, de Victor Aleixo Casella, e “Helena! Cinema”, delicada homenagem de Cavi Borges e Christian Caselli à atriz e diretora baiana Helena Ignez.

Fora da competição, o Foco no Cinema Argentino apresenta obras fundamentais como “Los Rubios”, “El Silencio Es Un Cuerpo Que Cae”, “Silvia” e “El Príncipe De Nanawa”, reafirmando a força de nuestros hermanos em tempos de Javier Milei.

O festival também promove o laboratório LINK:RIO: WIP para projetos brasileiros em fase de montagem, o laboratório “#LINK - Etnografia Doméstica”, conduzido por Vivi Tellas, e a mostra de instalações “Imagens Que Não Se Apagam”, dedicada às relações entre memória, política e imagem, com obras de Coraci Ruiz, Julio Matos, Ulises De la Orden e uma instalação inspirada na reflexão cinematográfica de Jean-Luc Godard (1930-2022).

O “Foco Godard”, no CCJF, junta quatro curtas-metragens do cineasta franco-suíço estão reunidos em forma de ensaio audiovisual, com curadoria de Walter Tiepelmann. A instalação audiovisual propõe uma reflexão sobre a guerra, a violência e a ética da representação por meio da obra dos seguintes filmes: “Pour Thomas Wainggai” (Por Thomas Wainggai), “Je vous salue, Sarajevo” (Eu vos saúdo, Sarajevo), “Prière pour les Refuzniks” (Prece para os Refuzniks) e “Film annonce du film qui n'existera jamais: Drôles de guerres” (Trailer do filme que nunca existirá: “Guerras de brincadeira”).

A música também integra a programação, com apresentação da premiada cantora de tango Julieta Laso, acompanhada do violonista Leandro Ângeli. A premiação da Mostra Competitiva acontece em 1º de agosto, na Cinemateca do MAM.

ENTREVISTA | MARCO ANTONIO COSTA

DUBLADOR E MÉDICO

‘Confiança é tão importante quanto técnica’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Se Christopher Nolan um dia quiser dirigir filmes falados em Português e conferir a destreza vocal de Marco Antonio Costa, voz brasileira de Matt Damon em seu atual fenômeno de bilheteria, “A Odisseia”, as chances de o cineasta inglês escalar esse ourives da dublagem seriam altas. Só haveria um empecilho: conciliar as filmagens com as responsabilidades desse artista brasileiro como médico.

Há 40 anos, ele joga nas duas posições: cura pessoas em hospitais e consultórios em paralelo à sua dedicação a preencher os ouvidos da gente com seu falar melífluo. Desde 2018, ele anda radicado em Campos de Jordão (SP), mas seus trabalhos dublando Brad Pitt, Hugh Grant e Johnny Depp não desgrudam dos nossos tímpanos e não saem da TV e do streaming. Criterioso em sua interpretação, Marco Antonio hoje abrilhanta a versão dublada da saga de Odisseu (Damon). Dá ainda mais grandeza a diálogos como “Todo homem vê melhor olhando de baixo”.

Seu êxito no ofício atraiu olhares estrangeiros e ele chegou a participar do documentário “Being George Clooney” (2016), no qual o realizador Paul Mariano mostra quem dubla o astro de “Um Drink No Inferno” (1996), que será homenageado no Festival de Veneza, em setembro. No papo a seguir, Marco Antonio desfila pelas fronteiras da sincronia e da poesia.

De que maneira a interpretação de Matt Damon, celebrada pela crítica, abre caminhos para a sua forma de interpretá-lo na dublagem de “A Odisseia”?

Marco Antonio Costa - Sempre digo que, quando o ator é bom, o trabalho do dublador fica mais simples. A boa interpretação guia a gente. Você acompanha o ritmo, a intenção, o olhar, a respiração. O Matt Damon é um desses atores. Em todos os trabalhos que fiz com ele, nunca tive dificuldade por causa da atuação dele. O problema específico de “A Odisseia” veio de uma decisão do Christopher Nolan para combater a pirataria. Em muitas cenas, quando o personagem não aparecia de frente, a tela ficava completamente preta. Quando aparecia, a gente via apenas o rosto, às vezes só a boca. Não víamos o contexto da cena, com quem ele estava falando ou para onde olhava. Para quem dubla, a imagem é fundamental.

Ela conduz a interpretação. Sem ela, você perde referências importantes. Tenho certeza de que isso dificultou o trabalho de todo mundo, inclusive da diretora Andrea Murucci, que teve uma paciência enorme durante o processo.

Em geral, o que atores como Matt Damon, Brad Pitt e Johnny Depp, estrelas mais ou menos da mesma geração, todas dubladas por você, impõem como desafio para você ao gravar?

O desafio é justamente acompanhar atores excelentes. Quando eles entregam uma interpretação rica, cheia de nuances, você precisa estar à altura. É um desafio prazeroso. Muito mais difícil é quando o ator não oferece material para você construir. No caso desses grandes nomes, o trabalho é exigente porque você precisa respeitar cada detalhe da interpretação. Ao longo da

“A dublagem é um trabalho coletivo. Depende da tradução, da direção, do ator, da mixagem e até da forma como o material vai ao ar”

carreira sempre fui ganhando confiança para enfrentar personagens mais complexos. Isso começou quando ganhei o teste para fazer Johnny Depp na série “Anjos da Lei”, em 1988. Foi um momento importante porque passei a acreditar mais no meu trabalho. Depois vieram papéis cada vez mais difíceis. Lembro muito de uma minissérie sobre Elizabeth Taylor em que dublei Richard Burton em duas fases da vida. Precisei criar diferenças vocais entre o personagem jovem e o envelhecido. Quando terminamos, a diretora ficou surpresa com o resultado e disse que eu tinha me superado. Aquilo me mostrou que eu podia ir além.

De que maneira a Medicina e a Dublagem se equilibraram ao longo da sua vida?

Conciliar as duas profissões nunca foi fácil. Eu me formei em Medicina no fim de 1986 e, poucos meses antes, já havia começado na dublagem. Durante muitos anos, fazia plantões em hospitais nos fins de semana, à noite ou de madrugada, para conseguir gravar durante o dia. Trabalhei em hospitais particulares, na Prefeitura do Rio, no Hospital Souza Aguiar, em ambulatórios e emergências. Houve até um período

em que revisei os textos médicos da série “Plantão Médico”, para corrigir termos técnicos da tradução. Depois esse trabalho passou para outra médica da Herbert Richers. Em 2018, eu me mudei para Campos do Jordão, com a ideia de abandonar a dublagem e ficar apenas na Medicina. A pandemia mudou tudo. A dublagem remota evoluiu muito e, desde 2020, eu e a (também dubladora) Lina (Rossana, esposa de Marco) voltamos ao mercado trabalhando de casa. Investimos num estúdio de alta qualidade, reconhecido por estúdios do Rio e de São Paulo. Ainda há produções, especialmente grandes lançamentos para o cinema, que exigem gravação presencial, e às vezes preciso recusar trabalhos por causa da distância. Hoje, eu atendo em uma clínica particular uma ou duas vezes por semana, faço algumas consultas on-line e continuo dublando nos horários alternativos. Depois de 40 anos nas duas profissões, encontrei um equilíbrio que jamais imaginei ser possível.

Em que momento da sua travessia como ator de voz você percebeu: “Agora sou um dublador”? Houve algum trabalho particularmente intimidador?

Acho que levei dois ou três anos para perder a inibição. Comecei em março de 1986 e, naquela época, a gente gravava em grupo, com vários colegas no estúdio. Era preciso vencer a timidez, ganhar confiança e se sentir pertencendo àquele ambiente. Os diretores foram fundamentais nesse processo. Mário Monjardim, Newton DaMatta, Amaury Costa, García Neto, João Francisco Turelli... todos me ajudaram muito. Houve também um momento curioso, quando pedi ao Francisco José para fazer o Zed, de “Loucademia de Polícia”. Eu já tinha visto o filme no cinema e queria muito aquele personagem. O resultado ficou tão bom que ele nunca se arrependeu da escolha. A partir dali, fui entendendo que confiança é tão importante quanto técnica.

Depois de quatro décadas de profissão, como você consegue assistir a um filme sem analisar a dublagem?

É praticamente impossível. Eu e Lina ficamos muito críticos. Quando assisto a um filme legendado, fico imaginando as dificuldades que aquele material vai impor para o dublador. Quando vejo uma versão dublada, presto atenção em tudo: interpretação, sincronismo, tradução, mixagem e até na exibição. Já aconteceu de assistir a uma série em que o áudio estava completamente fora de sincronia. O barulho de uma porta vinha depois que ela batia. Isso destrói o trabalho de quem passou horas no estúdio. Também existem vozes que se tornam inseparáveis de determinados atores. Até hoje tenho dificuldade para assistir a Bruce Willis sem a voz do Newton DaMatta. Nesses casos, prefiro até ver legendado. A dublagem é um trabalho coletivo. Depende da tradução, da direção, do ator, da mixagem e até da forma como o material vai ao ar.



Lina Rossana/Divulgação

Com fôlego (para cantar e) surpreender

Marcos Sacramento se reinventa com repertório do álbum ‘Arco’ em apresentação no Espaço BNDES

AFFONSO NUNES

Ainda sob o impacto positivo de “Arco”, álbum eleito entre os melhores discos de 2024 pela crítica, Marcos Sacramento apresenta o show homônimo nesta quinta (23), às 19h, no Espaço Cultural BNDES, que marca 40 anos de carreira. Lançado em 2024 pela Biscoito Fino, “Arco” é um disco de reinvenção. Produzido por Elísio Freitas e com direção artística de Phil Baptiste, o álbum reúne composições autorais e releituras que perpassam samba, MPB, jazz e sonoridades latino-americanas. “Depois de 40 anos de carreira, quis fazer diferente, me jogar em algo que eu não dominava completamente. Quis juntar forças, conhe-

cimentos e estéticas com artistas com os quais não tinha trabalhado ainda. Deleguei um pouco mais e me deixei ser surpreendido”, afirma Sacramento. “O resultado me deixou muito feliz, estou inteiro ali. Acho que o público não só me reconhecerá, como me verá a partir de outra perspectiva”, destaca. As surpresas começam pelo fato de, pela primeira vez, Sacramento gravar em uma língua estrangeira — “Tonada de Luna Llena”, do venezuelano Simon Díaz — e entregou-se a uma gravação à capella em “Xangô”, samba-enredo do Salgueiro. Também pela primeira vez, dedicou uma canção abertamente ao companheiro: “Para Frida” é uma declaração de amor. “É o arco-íris do disco”, define Phil Baptiste. O repertório do show reúne 23 canções e traça um mapa afetivo da trajetória do artista. Das seis faixas autorais em parceria com Paulo Baiano e Luiz Flávio Alcofra às regravações que ganham novos sentidos, como “Todo o Amor que Houver Nessa Vida” (Cazuza e Frejat) e “Voltei” (Baden Powell e Paulo César Pinheiro). “Jesus é Preto” é uma



Marcos Sacramento diz que em ‘Arco’ optou em jogar-se no desconhecido

crônica biográfica sobre os anos 1980, quando o consumo excessivo de álcool e substâncias atrapalhava sua carreira. Já “Graça”, de Thiago Amud, é uma canção de esperança que o sustentou na pandemia. Com mais de 20 discos lançados, Sacramento acumula feitos expressivos. “A Modernidade da Tradição” foi eleito o melhor disco brasileiro de

1997 pela revista francesa Le Monde de la Musique, e “Sacramentos” foi selecionado pela rádio FIP. Seu trabalho mais recente é um álbum com releituras suas e do violonista Zé Paulo Becker para os afro-sambas de Banden Powell e Vinicius de Moraes. O artista já dividiu o palco com Luiz Melodia, Hamilton de Holanda, Áurea Martins, Zélia Duncan e Diogo Nogueira, entre outros. No show do BNDES, Sacramento estará acompanhado por Luiz Flavio Alcofra (violão), Netinho Albuquerque (percussão), Rafael Paiva (guitarra), Antonio Dal Bó (piano), Carlinhos (baixo) e Felipe Larrosa Moura (bateria), com participação especial de Zé Paulo Becker (violão). O álbum se encerra com um mantra que sintetiza o momento do artista: “Ar pra respirar / Arco da Lapa / Arco-íris / Arco e flecha / do Orixá com a gente.” A imagem do arco simboliza um artista que olha para a frente e, depois de quatro décadas, ainda encontra fôlego para surpreender a si mesmo e ao público.

SERVIÇO
MARCOS SACRAMENTO - ARCO
23 de julho (quinta), 19h | Espaço Cultural BNDES — Av. República do Chile, 100, Centro (próx. metrô Carioca) Entrada gratuita (reservas esgotadas online; ingressos remanescentes na recepção a partir das 18h30) Classificação: Livre

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Autoralidade forjada a ferro e fogo

O cantor e compositor Siso apresenta o show “Ferro e Fogo”, quarto álbum de sua carreira, com nove faixas inéditas, nesta quinta (23), no Manouche. O espetáculo conta com participações de Virgo Virgo, Mihay e do duo Bumbum Astral. O disco, produzido de forma independente, articula sonoridades orgânicas e eletrônicas, com reflexões sobre ancestralidade, espiritualidade e memória.



Divulgação

Noite dançante com a batida de Marcelo Dai

O cantor mineiro Marcelo Dai apresenta show no Blue Note Rio nesta quinta (23), às 20h. No repertório, releituras de clássicos de Marcos Valle, Tim Maia, Djavan, Cassiano, James Brown, Michael Jackson, Prince e Bill Withers, além de composições autorais inéditas. Acompanhado por João Gabriel (guitarra) e Lucas De Moro (teclados), o artista propõe uma noite de música dançante e versatilidade vocal.



Divulgação

Um dueto para lembrar Mercedes Sosa

A cantora Grazie Wirtti e o pianista Fernando Leitzke apresentam o concerto “A Voz da América Latina”, em homenagem à diva argentina Mercedes Sosa, nesta quinta (23), às 19h, na Casa do Choro. O espetáculo percorre canções emblemáticas de repertório da artista como “Gracias a La Vida” e “Alfonsina y El Mar”, integrando contextualizações históricas sobre a trajetória artística e política de Sosa.



Divulgação

Dupla celebra a obra atemporal de Angela Ro Ro

A cantora Deca e o compositor Gabriel Perelo se apresentam nesta quinta (23), às 20h, no Audio Rebel, em espetáculo dedicado à obra de Angela Ro Ro. Os artistas revisitam canções da compositora que abordam amor, liberdade e vulnerabilidade, unindo diferentes gerações e linguagens. Deca lançou em 2025 o single “Verdade Conviniente” e Perelo estreou em 2023 o álbum autoral “Epiderme”.



Divulgação



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Caldeirão de poesia, contos, romances e ensaios, a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) fez de sua cidade uma embaixada mundial da literatura, atraindo vozes autorais best-sellers da prosa e do verso. A 24ª edição arranca nesta quarta e vai até domingo, badalando novos veios de escrita. Em meio ao mar de palavras que essa maratona literária levanta, a produção audiovisual – representada pelo cinema – arrumou um jeitinho de provar à multidão de leitoras/es esperados por aquele território de que imagens em movimento ainda são a maior diversão... e uma potente forma de festejar diversidades.

O eixo é a Casa Paraty, espaço oficial da cultura caiçara, que aposta nas manifestações filmicas como ferramenta de preservação da memória e valorização da identidade local. Com programação gratuita, o espaço reúne uma mesa de debates com a atriz Nanda Costa, o historiador, pesquisador e escritor Diunner Melo e a ativista cultural Gabriela Marsico, além da exibição de quatro produções ligadas às histórias, aos personagens e às tradições do município.

Houve um esquentar nesta terça-feira (21), marcado pelo Cortejo da Ciranda de Tarituba, seguido da cerimônia oficial. Na quarta, o foco foi o público infantil, com teatro, música, dança e oficinas. Entre quinta (23) e sábado (25), a agenda reunirá debates sobre cultura, meio ambiente, audiovisual, literatura, juventude e espaço, com direito a lançamentos de livros, mostra de vídeos, apresentações musicais e espetáculos como o Cabaré Teatral Zé Kleber, além de shows de Luís Perequê, MC Marinho, Realidade Negra, Cirandeiros de Paraty e grupos tradicionais de ciranda. No domingo (26), o espaço permanecerá aberto para visitação da exposição “A Luta de Trindade”, encerrando uma programação que propõe apresentar Paraty para além de seu patrimônio turístico, destacando coletivos artísticos e expressões individuais de poesia e música.

“Quem nasce e vive em Paraty sabe que existe uma riqueza enorme nas histórias, nos saberes e nas pessoas que constroem este território todos os dias”, destacou Gabriela Marsico, uma comunicadora paratiense, que foi uma das



Gabriela Marsico, Eric Porto, Vanda Mota e Perequê diante da Casa Paraty

Paraty é a maior diversão

Em paralelo às celebrações literárias das 24ª Flip, a Casa da Cultura Caiçara, centro de saber paratiense, acolhe a produção audiovisual da cidade como um veio de afirmar diversidades



“Um Olhar Caiçara” valoriza a identidade e a preservação da memória local

idealizadoras do espaço, operando na mediação da mesa de cinema e audiovisual da Casa Paraty. “O audiovisual permite que essa memória permaneça viva, alcance novos públicos e inspire outras pessoas a contar suas próprias histórias. É uma ferramenta de preservação, mas também de criação e de futuro para quem é paratiense. E esse é o

objetivo da Casa, valorizar a criação e saberes do território”.

A conversa que Gabriela vai conduzir reunirá diferentes experiências ligadas ao setor. Nanda Costa falará sobre sua trajetória no cinema, no teatro e na televisão, abordando processos de formação artística e os desafios da construção de uma carreira audiovisual. Já Diunner Melo contribuirá com o olhar de quem pesquisa a história da cidade há décadas, estabelecendo conexões entre patrimônio, me-

mória e as narrativas que ajudaram a formar a identidade cultural de Paraty. O debate também discutirá as possibilidades de desenvolvimento do audiovisual produzido no município, refletindo sobre acesso aos meios de produção, formação de novos profissionais e preservação das histórias locais por meio das imagens.

Essa proposta dialoga diretamente com a mostra de filmes organizada pela Casa Paraty, composta por quatro obras que revelam diferentes formas de registrar e reinterpretar o território. Entre elas está “100 Anos de Memória do Sr. Lourenço”, documentário dirigido por Gilmar Kíria que acompanha as lembranças de um morador da comunidade de Graúna prestes a completar um século de vida. A obra registra transformações sociais e culturais de Paraty, resgatando práticas como a Ciranda e o Chiba, além das memórias sobre a vida rural e os antigos deslocamentos por trilhas e canoas.

Também integra a programa-

ção “Um Olhar Caiçara”, produção realizada pela Associação de Moradores de Paraty Mirim. O documentário registra pescadores, mestres artesãos, cozinheiras, jovens cirandeiros e moradores tradicionais em torno de saberes ligados à pesca artesanal, à construção de canoas, às redes de pesca, às lavouras de subsistência, à culinária e às manifestações culturais da comunidade.

A memória artística da cidade aparece em “Luzes nos Submersos Mundos”, dirigido por Fabio Canale, com roteiro de Mariana Savioli. O curta revisita a trajetória do poeta, ator e artista plástico Zé Kléber por meio da combinação entre pesquisa documental, depoimentos, performance e construção poética, reafirmando seu lugar no imaginário cultural paratiense.

Completa a seleção “Homenagem ao Mestre Cirandeiro Verino”, registro produzido em 2013 durante as comemorações dos 80 anos de um dos maiores representantes da Ciranda de Paraty. O vídeo documenta sua trajetória e evidencia o papel desempenhado pelo mestre na preservação e transmissão dessa tradição para novas gerações.

Paralelamente às atividades da casa, a FLIP vai realizar um painel do longa-metragem “100 Dias”, de Carlos Saldanha (de “A Era do Gelo”), sobre a histórica expedição de Amyr Klink pelo Atlântico Sul. O evento acontecerá no dia 23 de julho, às 17h, na Casa da Cultura, em Paraty (RJ). A mediação ficará a cargo do apresentador Marcelo Tas. O bate-papo vai contar com Saldanha, Klink, o ator Filipe Bragança e as roteiristas Elena Soarez e Thaís Tavares. A conversa abordará o processo de adaptação de “Cem Dias Entre Céu e Mar” para o cinema. ric

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Imagem gerada com o GPT Image 2



Nenhum outro canto do mundo desperdiça tanta beleza com tanta naturalidade. O compositor trabalha o dia inteiro e, à noite, vai à quadra para defender o seu samba como quem defende um filho. Sabe que às vezes não há chance, falta dinheiro. Mas vai assim mesmo - porque canta-se para pertencer. Para que, no dia do desfile, a escola inteira leve na boca uma frase que nasceu na sua mente.

É coisa muito nossa, muito carioca: a quadra que vira terreiro, a parceria que vira família, o refrão que aprende a andar sozinho pela cidade - no ônibus, no bar, na ladeira do morro - antes mesmo de existir fantasia que o vista.

E nesta quinta-feira o samba faz uma dessas pausas em que a história prende a respiração. A Unidos de Vila Isabel recebe seus compositores para o enredo de 2027, "Torto Arado", tirado do romance de Itamar Vieira Junior. Rotina, dirão os distraídos. Mas entre os poetas que vão submeter suas obras haverá um que se apresenta pela última vez como concorrente: Martinho da Vila.

São sessenta anos de Vila. Chegou garoto, em 1966, e no carnaval seguinte já assinava o samba da escola - "Carnaval de Ilusões". Ficou. E, ficando, reinventou o modo de se fazer samba-enredo, meio como quem afina um violão torto e descobre que o desafinado era o mundo, não ele. Foi dele o enredo que deu à Vila o seu primeiro título, em

Começa o maior festival de músicas do planeta... em ritmo de samba

Acontece agora, enquanto você lê, no Rio de Janeiro, o maior festival de música do mundo. E ninguém o chama assim. É a disputa dos sambas-enredo nas quadras do Rio. Mais de uma dezena de escolas no Grupo Especial, cada uma parindo dez, doze, quinze sambas ao mesmo tempo, por dois meses de suor e madrugada. Faça a conta e assuste-se: são mais de cem canções nascidas do nada, cantadas até a voz rachar, para que apenas uma sobreviva em cada escola. As outras morrem ao amanhecer, sem lápide e sem choro. É o festival mais cruel e mais generoso que eu conheço.

1988, quando o país fingia festejar cem anos de uma abolição que nunca terminou de acontecer: "Kizomba, a Festa da Raça". A escola subiu a avenida cantando a África e a liberdade, e o hino atravessou quatro décadas sem uma ruga.

Agora, aos 88, ele se despede da disputa ao lado de André Diniz e Evandro Bocão, os parceiros das últimas caminhadas. Começou com um "Carnaval de Ilusões". Termina com um "Torto Arado". Entre uma metáfora e outra, sessenta anos - como se a vida tivesse caprichado na rima. Não há tristeza nisso. Há um homem que entrega a sua poesia de pé, cantando, do jeito que sempre sonhou sair.

E enquanto ele se despede, o resto do Rio compõe. A Unidos da Tijuca apresentou nesta semana os seus sambas para "A Cabeça do Santo". A Portela abriu a disputa para as cartas de amor a Monarco, o velho guardião que se calou em 2021: "Ao mestre, com carinho". Repare na cena: a avenida virou estante, a literatura virou verso cantado, e o samba foi de novo buscar grandeza no único lugar onde sempre a encontrou - na vida dos que quase ninguém vê.

Hoje, quando Martinho entregar o seu samba à direção da Vila Isabel, será bom estar por perto. Não pela despedida. Mas pela sorte rara de assistir, mais uma vez, ao instante exato em que um homem e uma cidade inventam, juntos, uma canção.